

Não estava combinado fazer a entrevista pelo caminho, quase 49 quilómetros, de Lisboa até ao Espaço das Aguncheiras, uma quinta na Azóia, mas, ansiosa, São José Lapa, para aproveitar o tempo, inicia a conversa a perguntar: "Conhece Anton Tchekov?" - como quem espera um "não" como resposta para a seguir dizer: então vou contar-lhe quem foi. A encenadora queria falar sobre a obra do dramaturgo russo e também sobre traços pessoais de Tchekov, por quem sente empatia e admiração. É alguém que lhe é "íntimo" e é a principal influência do seu projecto de transformar uma quinta numa residência artística, numa "casa ecocriativa" sustentada por energias alternativas.

E foi assim que começou a contar que Tchekov vivia numa quinta em Melichovo, a alguns quilómetros de Moscovo, assim como ela, São José Lapa, tem uma quinta a alguns quilómetros de Lisboa onde está a fazer espectáculos teatrais. Foi em Melichovo que o dramaturgo, dividido entre a profissão de médico e o prazer pela escrita, escreveu muitas peças, algumas já encenadas no Espaço das Aguncheiras: "A Gaivota" ("A Gaivota num voo rasante sobre as

Aguncheiras" na adaptação de São José), "O Pedido de Casamento" e "O Urso", fundidas em "O Pedido do Urso" (em cena novamente nos dias 15, 16 e 17 de Agosto) e "Tio Vânia", adaptada por Lapa como "Tio João (Vânia)" em cena aos fins-de-semana até ao final deste mês.

Natureza "versus" teatro

A expectativa começa, então, na auto-estrada. O caminho que leva ao teatro é o mesmo que leva à praia do Meco. A partir daí, e mais alguns quilómetros à frente (quase no cabo Espichel), fica o "Espaço das Aguncheiras", o nome de uma quinta na zona de Azóia (Sesimbra) e também o nome de uma cooperativa que se propõe fazer teatro entre pinheiros, amoreiras, loureiros e vinha, chão de terra e ar livre. No trajecto sobra tempo para imaginar o que será um teatro que foge do convencional, que alterna entre a luz solar e a luz artificial, em que a fronteira entre actores e público é marcada por um tapete de casca de pinho, simulação de palco que os actores pisam, um teatro, enfim, que tem por meta alertar o público para os problemas ambientais.

São José Lapa destaca, aliás, a temá-

tica do ambiente em Tchekov. Em "Tio João (Vânia)", a personagem Miguel (Astrov), médico e ecologista, "é o alter ego de Tchekov" que também era médico. "Pela primeira vez na história dramaturgicamente mundial aparece a personagem de um ecologista, um médico amante da natureza", nota. Considera mesmo o russo um visionário com uma obra completamente actual. O texto de "Tio Vânia", assinala, "não foi modificado", o "discurso da personagem Miguel/Astrov mostra-se contemporâneo quando falamos em natureza destruída, poluição e o desaparecimento de animais". "São textos belíssimos, de enorme actualidade", óptimos para serem encenados ao ar livre. "Tio João (Vânia)" passa-se numa quinta. "É perfeito para ser representado aqui [Espaço das Aguncheiras]".

Bucolismo? Ecocultura

O espectáculo começa quando ainda é dia, às 20h15. Interpretado por oito actores profissionais, conta a história de um velho professor reformado que vai viver para a herdade da primeira mulher. A sua chegada perturba a vida tranquila, mas esforçada, da filha Sónia (Joana Manaças) e do ex-

"Eu ligava a cultura propriamente dita à cultura da batata" São José Lapa

cunhado, tio João ou Vânia (João Cabral). Para São José Lapa, o tema da peça é o "trabalho". "O que é trabalhar com amor por causa de uma razão e depois questionar o sentido do trabalho..." Tio João, por exemplo: vive em estado de desespero e melancolia, sente que a vida passou e a única coisa que fez foi trabalhar.

Numa época em que muitos estão saturados com vida urbana, com os prédios e com a falta de zonas verdes, o bucolismo é o refúgio do homem urbano? Fazer arte no campo, entre a poeira da terra e o ruído dos animais, é um ideal? São José Lapa não quer ver associado o termo "bucolismo" a este projecto: "Não o considero bucólico, o bucolismo nos tempos que correm já não existe". O buco-

"Tio João (Vânia)" de Tchekov, com encenação de São José Lapa, está em cena, aos fins-de-se

FOTOGRAFIAS DE PEDRO ELIAS

Tchekov no campo



lismo, frisa, não pode ser associado ao Espaço das Aguncheiras porque bucolismo pode significar “um olhar absorto sobre a natureza, quase perto da nostalgia”, enquanto o projecto é “muito pragmático e alerta”. Prefere usar a palavra “ecológico”. “É uma verdadeira ecocultura”.

Para o encenador e membro da cooperativa Rui Pedro Cardoso, o conceito do projecto resume-se ao “respeito pela natureza”. “O nosso desejo é motivar as pessoas a voltarem à natureza, estar no espaço aberto, com sol, mosquitos a voar, pássaros a cantar, minhocas a rastejar no chão”.

Trabalhar no Espaço das Aguncheiras é, de facto, diferente de trabalhar nos teatros com tapetes e bancos aveludados. O palco é de terra ou casca de pinho (depende do espectáculo) e as cadeiras são de plástico. É preciso sujar a mão de terra, é preciso sujar a roupa. É trabalho duro. Para João Cabral, que interpreta a personagem principal e se estreia num projecto do género, os actores têm “mais tempo para compor as suas personagens”. Joana Manaças acentua: a relação com o espaço ajuda a mergulhar numa personagem que vive numa quinta e é uma defensora do campo. “O espaço

natural que temos à volta torna mais real e dá mais prazer à actuação”.

Parte dos ensaios de “Tio João (Vânia)” aconteceram durante o Inverno, na sala de estar da casa de São José Lapa. O grupo só começou ensaiar ao ar livre quando chegou a Primavera. Inês Lapa ainda não pode passar todo o seu tempo na quinta por causa do seu trabalho de decoração em Lisboa. Mas é com olhar exausto que assume: trabalhar numa quinta implica o dobro de esforço. Para compor o cenário, Inês perscruta cada canto da quinta. Para cada peça escolhe um espaço diferente que seja mais adequado. Depois pensa o cenário. “É quase uma instalação.” No primeiro espectáculo apresentado na quinta, “Sonho de Uma Noite de Verão”, o cenário estava distribuído por espaços diferentes. Os espectadores deslocavam-se atrás dos actores. Já em “Tio João (Vânia)” Inês usou o espaço aberto de uma casa de lavoura que já existia na quinta e o espectáculo acontece aí. A própria quinta “oferece instrumentos de que o encenador pode tirar proveito”, diz Rui Pedro. Por exemplo, “Tio João (Vânia)” começa quando há luz do sol, e quando a luz

artificial entra é de uma forma muito superficial. As pessoas quase não percebem que está noite. Há um sentido muito bucólico nisto”. Inês prefere ver a passagem do dia pelo olfacto. Os espectadores não têm consciência da mudança, mas os cheiros mudam, diz. E “os pássaros calam-se” para dar vez aos “insectos que começam a manifestar-se”.

A cultura e a batata

O Espaço das Aguncheiras é um projecto colectivo, uma cooperativa quase familiar, formado pela encenadora e actriz São José Lapa, pela filha, a actriz e cenógrafa Inês Lapa Lopes, pelo companheiro desta, o encenador Rui Pedro Cardoso, e pelo actor João Paiva. Começaram a trabalhar na quinta em 2005. Organizaram um curso de horta biológica. Convidaram gente da Azóia a participar. “Ver crescer ervilhas, tomates, alfaces e depois comê-los” foi o mais proveitoso para São José. Que sempre quis fazer teatro em zonas que não houvesse teatro. “Eu ligava a cultura propriamente dita à cultura da batata”, explica, dividida entre a distração das gargalhadas e a atenção ao trânsito na viagem de Lisboa até à Azóia.

A primeira peça apresentada no Espaço das Aguncheiras, “Sonho de Uma Noite de Verão”, em 2006, foi vista num só dia por 500 pessoas. Era interpretada por não profissionais. Por falta de apoio do Ministério da Cultura, foram abertas inscrições em Lisboa, Sesimbra e na Azóia. Trinta jovens constituíram o elenco. A experiência para muitos deles gerou frutos. “Um deles está a tirar um curso de teatro em Londres”, refere São José. A ideia é transformar a quinta numa escola, mas “infelizmente não há logística nem apoio”, lamenta.

Ao chegar à quinta, a encenadora aponta para as fotografias dos espectáculos anteriores que estão logo a entrada, espaço que nos dias de espectáculo se transforma em bilheteira. Desce do carro e brinca com o cão que a recebe com latidos. O Espaço das Aguncheiras começa a ser revelado. Vêm-se pessoas a trabalhar com calções e botas. De repente o encenador Rui Pedro oferece uma amora que acabou de ser apanhada. Dali a alguns minutos São José Lapa já trocou de roupa e está a comandar seu “rebanho teatral” para mais um ensaio.

Ver agenda de teatro págs. 36 e segs.

mana, no Espaço das Aguncheiras, uma quinta em Azóia. Entre loureiros e pinhos. *Cláudia Silva*



São José Lapa recusa o termo “bucolismo”. Prefere falar em projecto “ecológico”

